

## **A docência como prática não-toda e a possibilidade de transmissões de saberes autorais**

Lucas Eduardo Souza Assunção Lopes  
Margareth Diniz

Quando Freud (1996a) publicou o texto “O mal-estar na civilização”, em 1930, e posteriormente com a sua reedição, em 1931, a ameaça de Hitler já se fazia presente, no que viria algum tempo depois se constituir na Alemanha Nazista (1933 - 1945). Com o *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 24 de outubro de 1929, deu-se o início do duradouro período de doze anos da Grande Depressão, o que produziu impacto significativo em todos os países ocidentais industrializados à época, inclusive a Alemanha, que precisou enfrentar o devastador cenário de milhões de pessoas desempregadas e a falência dos grandes bancos. Diante disso, Hitler e seus aliados nazistas aproveitaram a situação de desamparo para instituir suas ideias e promessas, garantindo inclusive, a retomada de trabalhos e o fortalecimento da economia. Uma promessa de uma luz no fim do túnel?

O curioso nesta história é, justamente, a última frase deste seminal ensaio de Freud, onde ele diz: “Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” (FREUD, 1996a, p. 151).

Pode-se entender este questionamento, como um vislumbre freudiano do que viria a se constituir no mal-estar contemporâneo e sua contínua busca de um líder, de um messias, de um mestre que pudesse solucionar o mal-estar, a angústia e a desesperança por meio de uma visão de mundo única e fixadora para dar conta da proliferação de discursos, de ofertas e de demandas que atravessam os sujeitos. Algo que a religião desde a Idade Média tentou fazer, mas sem sucesso.

Este trabalho é fruto do que está sendo desenvolvido em uma pesquisa maior, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (Minas Gerais), a fim de investigar práticas docentes não-todas por meio de atos de transmissão de saberes autorais. Dito isto, os objetivos com os quais pretendemos alcançar neste manuscrito, vão ao encontro de: conceituar o que viria a ser o mal-estar contemporâneo; indicar como este mal-estar pode vir a atravessar o exercício docente; propor a docência como uma prática não-toda; e por fim, indicar a saída pelo não-todo como possibilidade de furar o discurso totalitário e universal, por meio da ética proposta

pela Psicanálise de escuta singular do caso a caso, podendo com isso, emergir atos de invenção e de criação autoral.

Sendo assim, acreditamos, bem como contextualizou o Professor Doutor de Psicologia, Psicanálise e Educação Marcelo Ricardo Pereira, que um dos efeitos de uma cultura de excessos generalizados, pode se fazer notar por meio do "hiperconsumo, na sobrevalorização da intimidade e em formas de segregação" (PEREIRA, 2019, p. 1), diante disso, há um descompasso entre os sujeitos e as suas pulsões, sempre em busca de realização; e as interdições da civilização, que constantemente barram e ditam o que se deve desejar, como se deve gozar e com quais objetos de desejo. Não há simetria possível.

Com isso, este mal-estar contemporâneo, também pode ser percebido no campo da Educação, por meio dos ideais capitalistas e universais que adentram este campo, instituindo concepções totalitárias e engessadas, que tendem a obstaculizar o olhar singular, a escuta do caso a caso e as possibilidades de emersão autoral.

Certamente, esta concepção produz desamparos, no que tange ao questionamento, sobre o que fazer diante da diferença, daquilo que escapa ao universal. Amiúde, se produz uma série de teorias, discursos e posicionamentos a serem instituídos e reiterados em vista de dar conta da proliferação e pluralidade de corpos, desejos e saberes que atravessam as instituições de ensino, com isso, normatizam-se os currículos, postulam-se métricas de avaliação. Mas, ainda assim, não há um manual e nem uma receita que prepare para o encontro com a diferença.

Em face do exposto, há inúmeras saídas que podem vir a ser adotadas por aquelas/es que exercem o exercício docente: o ato de paralisar; de corrigir; de reprimir; de segregar; de se inibir por meio de um não-saber o que fazer com isso; e também o ato de assumir um não-saber diante disso, mas o desejo de querer escutar essa diferença que não cessa de se inscrever. Cada solução inventiva, só poderá ser ouvida em sua singularidade.

Dessa maneira, conceituamos o ofício da docência, como o ato provisório em que o sujeito ocupa na posição do mestre, bem como contextualizou Pereira (2006): "provisório talvez seja assentir com um lugar intermediário de poder, de passagem, segundo o qual não se exige nem o não-saber, cúmplice de uma debilidade, nem o saber tudo, expressão de uma arrogância" (PEREIRA, 2006, p. 106). Nesse contexto, fazemos uma aposta a partir do lugar provisório do mestre, como sendo também, a possibilidade

de uma emersão do fazer-docente autoral, por meio do ato de transmissão dos saberes não-todos.

Recorremos ao uso do não-todo como uma ferramenta teórica possível para deslocar a prática docente de um universal, que se imagina “capaz” de dar conta de uma totalidade de saber e da apreensão das/os discentes, para possibilitar a emersão de um relato de si, onde cada uma/um dos sujeitos que vierem a colaborar com a nossa pesquisa, possa dizer de sua prática docente transviada de um conjunto normativo e ordenador e de sua relação singular com as/os discentes e o que tange à transmissão de saber.

Para isso, propomos uma conversa com cada uma/um dos sujeitos colaboradoras/es em exercício docente em instituições públicas ou privadas do Ensino Superior do Estado de Minas Gerais, utilizando o método clínico de inspiração psicanalítica, por meio de uma escuta flutuante e atenção aos traços, lacunas e sinais que podem irromper durante as conversas, tal como nos foi indicado pelo historiador Carlo Ginzburg por meio do seu paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

Este paradigma permite a realização de um trabalho de investigação que leve em consideração a incidência do inconsciente, de um saber não sabido e que pode emergir por meio daquilo que escapa e que confunde o universal, apontando para a incidência de algo que estava escondido e que se mostrou. É por meio desta escolha metodológica que acreditamos ser possível uma intervenção atenta aos “restos” inconscientes, a fim de localizar o advento da singularidade em cada prática docente.

Dito isso, utilizamos também o conceito psicanalítico de transmissão, como aquilo próprio da relação individual da/o docente com o saber. O que o mestre provisório revela na transmissão dos saberes não-todos é o seu desejo, que poderá ser ou não apreendido pelas/os discentes, que aprendem a subjetividade daquela/e que exerce a docência, por meio do estilo, da marca autoral e do amor pelo saber impresso na sua prática não-toda.

Diante disso, apostamos no saber-fazer docente que frente ao impossível da arte de educar, retomada das três profissões proclamadas por Freud (1996b) como profissões difíceis: educar, governar e analisar, das quais ele ponderou, que “de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (FREUD, 1996b, p. 262). A constatação de ser uma profissão impossível, não quer dizer que não seja praticável, ao propor a docência como prática não-toda, consentimos com o aparecimento de sua não-completude, de sua incerteza de resultados e da ausência de fórmulas de sucesso,

possibilitando o aparecimento de saídas inventivas e de atos de criação que fazem furo a uma arrogância e pretensão de tudo saber e de todos atingir, para dar lugar a um *savoir-faire* singular e autoral de docentes no ato de transmissão de saberes não-todos.

Ao propor a docência como uma prática não-toda, vislumbramos uma ruptura no saber constituído como universal e para todos, para dar lugar à multidão de transmissões de saberes, que possam vir a constituir um campo científico educativo mais próximo à realidade brasileira, com os seus mais variados estilos de transmissão e de marcas autorais de docentes em atos provisórios e não-todos, que fazem causa no desejo de saber das/os discentes.

O que pretendemos com isso? Possibilitar uma investigação em educação que leve em consideração os sujeitos e os seus desejos. Para isso, seguimos na fronteira subversiva indicada pela Psicanálise de não se unir a universal nenhum, de se manter nas bordas, entre cruzamentos, não de forma apolítica e neutra, mas sim, à altura da subjetividade de sua época, no encontro singular com cada sujeito que ela venha a cruzar.

Sendo assim, propomos pensar na política do não-todo, como uma saída possível diante do mal-estar contemporâneo, consentindo com um poder falar, criar e inventar com aquilo que irrompe das tentativas de enquadramento e sujeição. Entendemos esta aposta, por meio daquilo que é próprio do sujeito, da sua disposição de poder fazer com a autoria, algo de inventivo e singular. Dessarte, consentir com as práticas docentes não-todas, pode vir a furar as concepções universais e totalitárias que adentram os espaços educacionais, visando minar às singularidades e a diferença.

Sendo assim, para finalizar, escolhemos um excerto de uma prática docente não-toda, onde um docente nos confidenciou sobre a mudança na sua vocalização durante o seu exercício profissional. Ao repassar conteúdos próprios do plano de ensino, a partir do compartilhamento de teorias e materiais bibliográficos, sua modulação vocal se apresentava de uma maneira, no momento em que transmitia algo autoral, que não estava referenciado em livros e nem em artigos científicos, mas que se aproximava de uma experiência narrada em primeira pessoa ocorria uma mudança em sua voz, tornando-a embargada, sendo perceptível também, certo descompasso naquilo que estava sendo dito. Para além de uma autopercepção, as/os estudantes também dividiram com este docente, de como havia sido “diferente” aquele relato compartilhado. Com isso, podemos constatar a emersão de uma autoria em primeira pessoa no ato de uma transmissão.

## Referências

- FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, vol. 21, 1996a.
- FREUD, Sigmund. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, vol. 23, 1996b.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PEREIRA, Marcelo Ricardo. “Deuses de Prótese”: Sobre os mestres de nossos tempos. *Estilos da Clínica*, vol. XI, n. 21, p. 82-107, 2006.
- PEREIRA, Marcelo Ricardo. Qual é o nome atual do mal-estar docente?. 2019. Disponível em: < <https://docero.com.br/doc/80e8v5> > Acesso em: 21 de jan. de 2022.